

Transformando angústia em raiva: o homem branco em fins de sua hegemonia

Transforming anguish into anger: the white man at the end of his hegemony

Transformando la angustia en ira: el hombre blanco al final de su hegemonía

Caíque Diogo de Oliveira - Universidade Federal de São Carlos – UFSCar | Doutorando em Educação na Universidade Federal de São Carlos | Sorocaba | SP | Brasil. E-mail: caique.diogo@outlook.com.br | 

KIMMEL, Michael. **Angry white men**: masculinity in the end of the era. 2. ed. New York: Bold Type Books, 2017.

Eles não estão apenas no governo nacional, eles estão por toda parte. Disseminando sua raiva na internet ou nas ondas de rádio, reivindicando o porte de armas, discutindo com sua esposa, ex-esposa e/ou com o/a advogado/advogada dela, lamentando o quanto foram alvos de discriminação reversa com políticas de ações afirmativas. Em *Angry White Man* (FALUDI, 2006, p. 16)¹, o sociólogo americano Michael Kimmel percorreu os Estados Unidos da América em busca de conhecer um pouco mais sobre estes homens. Esta obra, com um prefácio fazendo referência à eleição de Donald Trump em 2016, é uma leitura indispensável para entender tanto a ascensão do referido presidente americano como o bolsonarismo no Brasil.

Michael Kimmel é um dos mais proeminentes pensadores sobre os estudos de gênero e, especialmente, da sociologia das masculinidades na atualidade. Ele dedica sua carreira a

¹ *Angry White Men* é uma expressão americana para definir este grupo de homens brancos que sentem que seus direitos estão sendo prejudicados. Por não possuir uma tradução específica para o português, utilizaremos a tradução desta expressão como “Macho branco raivoso”, pois, assim, foi a tradução desta expressão realizada por Talita Rodrigues.

compreender o fenômeno da construção social da masculinidade a partir de uma perspectiva feminista. No Brasil, o autor possui apenas um artigo publicado em uma revista de antropologia no fim da década de 1990 (KIMMEL, 1998a), e, desde então, tem escrito sobre masculinidades jovens, homens de direita e o conceito de privilégio.

A inquietação inicial do sociólogo na obra é que os homens brancos americanos vivem na maior potência econômica da atualidade, estão entre as pessoas mais privilegiadas da Terra, alguns deles se gabam por serem os “pais fundadores” de “sua” nação, consomem – e geram lixo – mais que qualquer outro país, e ainda assim, por que alguns deles estão tão raivosos?

Para responder a esta questão, Michael Kimmel argumenta sobre o que ele descreve como o direito prejudicado dos homens brancos na sociedade americana do início do século XXI. Segundo o autor, muitos homens brancos, como membros de um grupo historicamente dominante na América, reagiram mal ao aumento da igualdade social e à diminuição do padrão de consumo, com raiva e fúria explícitas.

Diferentemente do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2018), que investiga a masculinidade por si só, a partir de uma perspectiva antropológica, Kimmel lança mão de um método interseccional, presente na sociologia americana, que envolve gênero, raça e classe para investigar as diferenças existentes dentro do próprio gênero.

O autor inicia a obra apontando como algumas rádios americanas funcionam como fábrica de angústia, raiva e ressentimento. Durante as manhãs, os ouvintes perguntam o que está acontecendo com suas vidas, sobre a situação de desemprego e/ou a desvalorização dos veteranos de guerra, em contrapartida os radialistas empaticamente compreendem a situação desses homens. Logo, os radialistas dizem que não se deve “choramingar”, mas exasperar-se. Procuram dizer que “nós” – os ouvintes, cuja maioria é composta por homens brancos – possuímos o direito pelas recompensas da construção da América. Contudo, essas recompensas têm sido expropriadas por “eles” – entendendo-os por burocratas do governo – que as transferem as minorias – mulheres, negros, LGBTs e imigrantes. E, então, sentimentos de vulnerabilidade emocional são transformados em insegurança e raiva.

Não somente os adultos têm expressado raiva e ressentimento, mas meninos também. Para isso, o autor retoma os massacres com armas de fogo realizados em escolas americanas. Por mais que os garotos envolvidos nesses massacres tenham sido diagnosticados com distúrbios psicológicos, somente a psicologia não responde as motivações que levaram os garotos a

cometerem esses atos, é necessário aprofundar esses casos com um olhar sociológico da teoria de gênero.

Na busca de conhecer o perfil destes garotos, Michael Kimmel aponta que após o massacre de *Columbine* na década de 1990, as ocorrências desses casos de violência são protagonizados por garotos brancos, moradores dos centros ou de áreas rurais, residentes em estados com maior circulação de armas e, onde, na maioria das vezes, o partido republicano vence eleições.

Estes garotos brancos irritados vão às escolas para promover massacres de repercussão pública. Muitos deles são alvos de violência física e psicológica no espaço escolar e veem na violência uma forma de restaurar o respeito frente aos pares da escola. Para Kimmel, trata-se de garotos cuja masculinidade foi diminuída por conta das humilhações e da “*jockocracy*” – a cultura da zoeira de uns em detrimento da glória de outros. Para ter sua masculinidade de volta eles utilizam da violência como forma de tê-la restaurada e afirmada perante o grupo social. Isto é, mesmo sendo violentados pelas hierarquias do machismo, esses garotos brancos irritados não tomam ações para romper com esse sistema opressor, mas buscam, de alguma forma, inserir-se nestas hierarquias. Este assunto também é discutido no capítulo sobre o *bullying* e a violência na escola, em outra obra do autor, cujo objetivo é explorar a construção da masculinidade na juventude contemporânea (KIMMEL, 2018).

Sentindo-se vítimas, os homens resolveram organizar um movimento para restaurar e poder exercer seus “direitos”. Estes movimentos masculinos em busca de direitos procuram manifestar-se contra uma suposta discriminação reversa a qual eles têm “sofrido”. De modo que estes grupos estabelecem pautas como: direitos reprodutivos para homens, programas governamentais com “gênero neutro” – ou seja, não se destina nem a homens e nem a mulheres – e a defesa contra falsas acusações de assédio.

Além de um movimento para reivindicar direitos aos homens, há também movimentos que reivindicam direitos aos pais. Movimentos como o *Fathers 4 Justice* buscam reivindicar que pais tenham mais direitos nas relações com os filhos, em especial em situações de divórcios. Contudo, o autor mostra que estes pais estão irritados com as esposas, os/as advogados/advogadas das esposas e com as leis do Estado em relação ao matrimônio e à paternidade.

Kimmel discorre sobre a violência contra a mulher. Para isso, ele olha para a questão dos “incels” (BBC, 2018)² – do inglês *involuntary celibates* -, ainda que ele não os chame por este nome. No capítulo intitulado *Targeting woman*, o autor investiga a percepção de homens que sentem que as mulheres devem sair com eles, e quando elas não aceitam, eles desenvolvem comportamentos violentos e de culpabilização da figura feminina.

Então, em meio à discussão sobre a violência contra a mulher – seja de parceiros, seja de desconhecidos -, o autor aponta uma das premissas basilares da obra, na qual entende que

[...] If masculinity is based on impermeable defenses and the feeling of being in control, then violence may be restorative, returning the situation to the moment before that sense of vulnerability and dependency was felt and one's sense of masculinity was so compromised.

[...] Linking one's masculinity to the maintenance of effective defenses against vulnerability and humiliation is, of course, a central argument of this book (KIMMEL, 2017, p. 177)³.

Esta tese pode ser pensada à luz do debate francês sobre a virilidade como uma qualidade constituinte da masculinidade. A partir das constatações expressas em *Angry White Men* percebemos como as demonstrações de força e poder são expressas de forma variada e, dado o atual crescimento do feminismo e da valorização da mulher, o exercício do poder da dominação masculina ganha um novo contexto e (re)sentimentos.

As relações de classes sociais também são investigadas na obra. Segundo ele, a raiva atinge também o homem branco da classe trabalhadora. Com o aumento das desigualdades de renda, a ausência de emprego e a ameaça de hipoteca de suas casas, os homens brancos da classe trabalhadora vão perdendo cada vez mais o senso de que por seu próprio trabalho conseguiriam ascensão social e estabilidade. Nesse ponto, o autor argumenta que tanto a classe média como a classe trabalhadora nunca estiveram tão próximas emocionalmente na história. Estes homens se sentem impotentes diante das mudanças promovidas pelo capitalismo, especialmente em sua fase neoliberal. Nesse sentido, o livro pode ser usado para estabelecer um diálogo com outras

² Celibato involuntário são grupos compostos por rapazes que, como o próprio nome diz, não fazem sexo, embora queiram. Os “incels” se organizam em grupos e fóruns para discutir na internet, nos quais propagam-se autopiedade, machismos, ódio às mulheres e *cyberbullying*.

³ Tradução livre: [...] Se a masculinidade é baseada em impermeáveis defesas e o sentimento de estar no controle, então a violência pode ser restaurativa, retornando a situação no momento antes que o senso de vulnerabilidade e dependência foi sentido e o senso de masculinidade foi comprometido [...] a articulação entre um tipo de masculinidade e a manutenção de efetivas defesas contra a vulnerabilidade e a humilhação é, portanto, o argumento central deste livro.

referências sobre a adesão da classe trabalhadora às premissas da direita política (HOCHSCHILD, 2018).

Este declínio do *self-made-man*, e com ele o declínio do antigo padrão de vida, e a ascensão dos empregos precários, alguns homens têm usado a violência contra antigas empresas para restaurar aquilo que lhes foi perdido (KIMMEL, 1998b). E assim, com a chegada das mulheres, negros e imigrantes ao mercado de trabalho formal, o homem branco americano entende-os/as como culpados/culpadas por sua situação, pois o incômodo, segundo o autor, não está no fato das minorias ocuparem o mesmo espaço que estes homens, mas haver igualdade entre eles.

Mantendo as tradições de investigação empírica das ciências sociais, o autor atualiza o método investigativo realizando pesquisa na internet. Participando de alguns *chats* em redes sociais, o autor buscou interagir com estes sujeitos na busca de melhor conhecê-los. Nas redes, o sociólogo identificou que a cultura argumentativa acadêmica não está presente nestes espaços, encontrando dificuldade para estabelecer diálogos.

Fora das redes o autor aponta que os homens brancos integrantes da extrema direita geralmente aparecem com bandeiras confederadas e defendem um “*Southern Pride*”, mas para além desta imagem estereotípica, a extrema direita também está presente entre integrantes de diversas igrejas cristãs e/ou grupos de veteranos de guerra.

No âmbito da política, eles buscam uma figura que possa trazer de volta o senso de poder da masculinidade perdido. O macho branco raivoso reproduz falas misóginas, racistas e xenofóbicas. Geralmente esta figura política busca associar a sua imagem à disciplina e ao meio militar. Ele grita nos comícios e proclama uma volta ao passado para resgatar o poder. Reclamar a masculinidade é mais que um processo, é uma declaração para si, para os outros e para o mundo. Aqui, podemos estabelecer alguns paralelos com a realidade brasileira denunciada em coletânea recente (GALLEGO, 2018), na qual foi possível perceber que a cultura do ódio e da violência é usada como estratégia política pela direita para abalar as relações democráticas.

Há também uma referência sobre as mulheres engajadas nos movimentos da extrema direita. Nestes movimentos elas são minoria. Estas mulheres geralmente são brancas, cristãs, e concordam com uma suposta emasculação do homem contemporâneo. Para elas, apoiar a extrema direita é voltar a um mundo onde elas não precisavam trabalhar fora de casa e dentro de casa, muitas delas querem a maternidade de volta e também os empregos dos maridos. Neste momento

– e em outros da obra – podemos notar o cuidado que o autor toma para se referir às mulheres e como a perspectiva feminista é norteadora do estudo.

Assim como no final de outras obras do autor (KIMMEL, 1998b, 2018), o fim desta argumenta sobre a participação dos homens na construção de uma sociedade com maior igualdade de gênero, racial, orientação sexual e de classe. Engajar-se nestes movimentos, especialmente no movimento feminista, não é bom somente para as mulheres, os homens também têm a ganhar, uma vez que a igualdade de gênero produz melhores índices de desenvolvimento para as nações, para as empresas e também promove diversos benefícios no próprio lar.

Embora uma discussão conceitual não seja realizada pelo autor por meio de conceitos como neoliberalismo e patriarcado, ambos são conceitos que implicitamente atravessam o livro. Há uma interessante e original interpretação na vasta apresentação de dados empíricos sobre as demonstrações de raiva destes homens e uma interpretação sociológica do sentimento.

Angry White Men é recomendado àqueles/aquelas que procuram compreender as relações de gênero e uma das faces da construção social masculina contemporânea, bem como suas implicações políticas. Além de auxiliar na compreensão sobre os eleitores de Donald Trump nos Estados Unidos, a obra também nos traz elementos para pensar a respeito de quem são os eleitores de Jair Bolsonaro.

Referências

BBC. **Quem são os 'incels' – celibatários involuntários – grupo do qual fazia parte o atropelador de Toronto.** Brasil: BBC, 27 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43916758>. Acesso em: 18 mar. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 6. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

FALUDI, Susan. **Domados:** como a cultura traiu o homem americano. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

GALLEGO, Ester Solano (org.). **O ódio como política.** São Paulo: Boitempo, 2018.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **Strangers in their own land:** anger and mourning on the american right. New York: The New Press, 2018.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos,** Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998a.

KIMMEL, Michael. **Manhood in America:** a cultural history. New York: Bold Type Books, 1998b.

KIMMEL, Michael. **Angry white men:** masculinity in the end of the era. New York: Bold Type Books, 2017.

KIMMEL, Michael. **Guyland:** the perilous world where boys became men. 2. ed. New York: HarperCollins, 2018.